

Sérgio Luiz Gallina

Rebeka

EDITORA
THE KNIGHT

Porto Alegre - RS - 2017

© 2017, Sérgio Luiz Gallina
Todos os direitos reservados

Coordenação editorial: Sérgio Luiz Gallina

Projeto gráfico: Vidráguas

Capa e diagramação: Fabrício Leopardo Eschiletti

Ilustração: Alexandre Torrano

Revisores: Alexandre Postiga (ortografia), Carlinda Maria Fischer Mattos (história) e Francisco Schneider Neto (cronologia)

CIP - Dados Internacionais de Catalogação-na- Publicação

G169r Gallina, Sérgio Luiz, 1957
Rebeka / Sérgio Luiz Gallina. – Porto Alegre: The Knight, 2017.
450 p. 16 x 23 cm.

Inclui bibliografia.
ISBN 978-85-61797-02-7

1. Literatura brasileira – romance histórico.
2. História – Idade Média I. Título.

CDU 821.134.3(81)-311.6

Bibliotecária responsável: Flávia da Cruz Brandão – CRB-10/1578

1ª Edição

EDITORA
THE KNIGHT

EDITORA S L GALLINA
Av Lima e Silva, 1010 / 502
Porto Alegre/RS - CEP 90050-102
slgallina@uol.com.br

Agradecimentos

Quem imaginaria que um romance histórico ambientado no século XIII seria tão profundamente marcado pela tecnologia do século XXI? Porque foi graças à Informática que “Rebeka” foi concebida, sobre uma grande base de dados que me permitiu estabelecer a *linha do tempo* sobre a qual foi construído o romance, bem como o resgate de todas as citações que permeiam o texto do início ao fim. Portanto, agradeço a esta ciência que fez parte de minha formação acadêmica, à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e à Internet, cujos esclarecimentos de dúvidas me foram tão preciosos.

Aos historiadores do Brasil e do mundo, aos filósofos e cientistas, meu obrigado pela fundamental importância de seus tantos livros que dão luz à humanidade em seu caminhar. Em particular, a todos os que fazem parte de “O Cavaleiro do Templo” e de “Rebeka”. A lista das referências bibliográficas se encontra no final deste livro.

Sou grato igualmente à música, que tanto acompanhou essa jornada e que, em incontáveis momentos, pareceu ser uma trilha sonora envolvente e inspiradora. Vale citar os mais presentes: Anthony Phillips, Broselmaschine, David Crosby, Madredeus, Mike Oldfield, Novalis, Pat Metheny e Steve Hackett. Decerto que o vinho muito contribuiu também, parceiro do solitário ofício dos escritores.

Meu especial agradecimento a quem dedicou parte de seu tempo para agregar valor e conteúdo ao desenvolvimento de “Rebeka”: Alexandre Postiga (Letras/UFRGS, revisão ortográfica), Alexandre Torrano (ilustração), Carlinda Maria Fischer Mattos (História/UFRGS, revisão histórica e prefácio), Fabrício Leopardo Eschiletti (Publicidade/PUCRS, capa e diagramação), Francisco Schneider Neto (Engenharia/UFRGS, revisão cronológica) e Mariana Montagna Gallina (Publicidade/PUCRS, capa). Também à equipe que concebeu o projeto gráfico de “O Cavaleiro do Templo”, mantido rigorosamente em “Rebeka”: Carmen Fonseca (*in memoriam*), Rafael Trombetta (edição) e Ricardo Hegenbart (diagramação e arte). E a todos os amigos que, de algum modo, longe ou perto, acompanharam o desenrolar dessa obra.

Enfim, meu obrigado aos meus familiares Mariana, Fabrício, Paulo (*in memoriam*), Rejane, Ricardo, Márcia e Tia Ciça, que tanto me incentivaram. E aos meus falecidos pais, que foram a base sobre a qual minha vida se fez, Aura e Carlindo, a quem dedico “Rebeka”.

Prefácio

A literatura, verdadeira, nos magnifica, sempre. Por meio dela enxergamos em nós os personagens que vivem nas páginas. No intrincado de sentimentos e facetas, que todos nós descrevemos em nosso interior, vivemos num espelho as configurações, os desenhos, a expressão de nossos próprios impulsos e paixões.

A literatura histórica, ambientada em outros tempos e em outras culturas, agrega a essas experiências mais gerais, aquelas mais particulares, próprias ao gênero: ela lida com o estranhamento cultural e, passando sobre ele, estabelece nexos com o que há de humano e universal através dos tempos.

A boa literatura histórica cria efeitos de verossimilhança. Ela nos convida a ultrapassar as diferenças culturais, para nos identificarmos com o outro, pelos sentimentos de admiração profunda, escárnio, raiva, tolerância, e daí por diante. Dotado de imaginação plástica, o bom escritor nos mergulha num ambiente novo, por um lado, e eternamente nosso, por outro, um ambiente por onde penetra a visão, em que se aproxima a audição, em que se demoram, hipotéticos, mas possíveis, o olfato, o tato, o paladar.

Sérgio Luiz Gallina nos brindou, nesse sentido, com o belo “O Cavaleiro do Templo”, um sucesso que cultivava um número considerável de leitores, no Brasil e em outros países da Europa. A obra trata da saga de uma família amante dos livros, e que tem como protagonista principal Oskar, um cavaleiro leitor e filósofo, que vive na virada do século XII para o século XIII. Gallina nos introduz no universo complexo das contradições das ideias, da dialética, das investigações teológicas. Por outro lado, consegue nos fazer sentir a emoção de um cavaleiro na refrega das batalhas, faz-nos sentir pulsar o coração quando ele se rende aos encantos de uma dama, faz-nos afeiçoar-nos ao personagem como se fosse um amigo querido, e leva-nos às lágrimas quando ele faz a grande passagem.

Rebeka, bisneta da incomparável Anna da Bretanha, como boa continuadora da linhagem joannina, toma em suas mãos a direção do seu caminho. Sai ao mundo em busca de experiência e conhecimento, tendo o destino soprado nas velas de suas embarcações, levando-a a várias cortes, do Ocidente e do Oriente, à companhia de vários filósofos, músicos e atores, ao interior de várias tabernas e catedrais. É ela quem dá o escopo e o nome à obra.

A história ocorre ao longo do século XIII. Se o século XII foi o tempo das traduções, o seguinte foi o período em que o pensamento e os princípios teóricos dos gregos e dos muçulmanos já haviam sido incorporados no horizonte do Ocidente, gerando uma gama extensa de obras e de reflexões originais de viés cristão. Os ocidentais ousam na filosofia, na teologia, nas ciências, na descrição do mundo, o qual se dessacraliza um tanto. A Europa se urbaniza e uma nova categoria econômica-sócio-cultural destaca-se, a dos burgueses, com códigos de comportamento próprios, etiqueta complexa, a mente voltada para o desbravamento do mundo, apoiada em instrumentos racionais compatíveis – o dinheiro, a contabilidade, a escrita, a cosmologia, a geometria, a matemática. Mas o século XIII é também o tempo dos dialéticos, dos teólogos e dos livros.

Rebeka nasce em Reims, e cresce numa oficina de livros. No encontro com obras e personagens ilustres, o leitor é apresentado ao universo de saberes desse século, aos embates políticos, às descobertas científicas.

Tal como em “O Cavaleiro do Templo”, em “Rebeka”, Gallina nos brinda com farta quantidade de citações de historiadores medievalistas já consagrados, de forma a permitir que o leitor consolide sua reflexão com o aporte desses conhecedores. Tampouco o autor se furta de emitir seu ponto de vista acerca de personagens reais, de momentos históricos ou de concepções científicas da época, confrontando-se, por vezes, inevitavelmente, com o que postula a História Cultural, de viés antropológico: cada cultura, em seus diferentes momentos históricos, elabora o corpo de conhecimentos que lhe permite fazer a leitura de seu mundo, construir valores e práticas, e que não podem ser comparados às de qualquer outra. Todo julgamento dessa ordem parte, necessariamente, de valores próprios elaborados pela cultura do julgador – salvo os de cunho universal, atinentes aos princípios humanos mais caros.

Por outro lado, a escrita hábil e envolvente do autor, nos leva a refletir acerca de questões espinhosas da filosofia e da ciência com entusiasmo, nos leva a estabelecer laços com cada personagem em sua singularidade, pois cada um possui uma dimensão humana que lhe é própria, com suas virtudes e defeitos. Ao final, terminamos a obra com um sabor de tristeza, por obrigar-nos a dizer adeus a todos eles, esperando que logo Gallina volte a retomar fôlego, apresentando-nos a continuação da saga dessa família surpreendente.

Os leitores de “O Cavaleiro do Templo”, com toda a certeza, apreciarão da mesma forma a obra que Sérgio Luiz Gallina nos apresenta: “Rebeka”.

Carlinda Maria Fischer Mattos
Doutora em História
UFRGS



Sumário

1. Rebeca de Reims
2. A Ruptura
3. Paris
4. A Matemática
5. Leonardo de Pisa
6. Clara de Assis
7. A Cidade Eterna
8. Branca de Castela
9. O Aprendizado
10. Hy-Brazil
11. O Incesto
12. Marko de Ravena
13. A Sacra Corte
14. A 6ª Cruzada
15. As Pedras
16. Herman, o Monstro
17. A Bíblia do Diabo
18. Petrônio
19. O Desencontro
20. A Virgindade
21. Os Goliardos
22. Henrique III Plantageneta
23. Stonehenge
24. O Bosque
25. Reims
26. Alberto Magno
27. Tomás de Aquino
28. Roger Bacon
29. A Santa Capela
30. Luís IX Capeto
31. A Premonição
32. A 7ª Cruzada
33. Margarida da Provença
34. A Casa da Sabedoria
35. A Bruxa
36. A Notícia
37. Abelardo de Reims
38. O Sorriso
39. 1260
40. Morgana da Bretanha

Manhã

Emily Dickinson

Será que a manhã existe?
Será alguma coisa assim como o dia?
Oh, se muito alto eu fosse
Por trás dos montes, vê-la eu poderia

Flutuará como os lírios d'água?
Como os pássaros, poderá voar?
Ou virá de outras formosas terras
Das quais nunca ouvi falar?

Venha algum sábio do céu
Algum marinheiro do mar
Ajudar nessa procura vã
Essa pobre peregrina encontrar
O lugar chamado manhã



Introdução

O silêncio é um amigo que nunca trai.
Confúcio

Houve um tempo em que não sabíamos onde estávamos. Depois, veio um tempo em que habitávamos o planeta Terra, o centro do Universo. Depois, passamos a girar em torno do Sol, tido como o centro geral do Cosmos. Depois, giramos em torno do centro da Via Láctea, que seria o Universo todo. Hoje, dentre bilhões de galáxias, não sabemos mais onde estamos.

Foi longo o caminho da ignorância científica ao conhecimento. Desde as impressões dos antigos, passando pelas pretensões medievais, chegamos às mais profundas incertezas modernas, junto a uma tomada de consciência tal que nos fez perceber a insignificante condição humana, que somos quase nada dentro de uma indiferente vastidão silenciosa.

Mas, houve um tempo em que acreditamos ser especiais, abençoados por Deus, vivendo no mais importante de todos os corpos celestes. Ao geocentrismo, registrado por gregos como Aristóteles, seria a Terra o centro físico de tudo o que girasse ao seu redor. Um golpe de vista se tornou verdade por séculos, fazendo-se crer a uma grande parte do mundo. E foi assim, apesar de suas limitações científicas, que os gregos buscaram conhecer e ousar explicar racionalmente o Cosmos. No que tange o Ocidente, eles nos ensinaram a pensar como pensamos.

Há fraqueza maior do que a cegueira da ignorância? (6-101)

Então, caiu o mundo grego aos macedônios de Alexandre, aos romanos depois, não muito dados à filosofia, e, quando caiu Roma em 476, o que se seguiu foi um tempo em que, na Europa, a busca pelo saber inspirada nos gregos quase travou. Foi chamado pelos historiadores de Alta Idade Média, a *Idade das Trevas* aos renascentistas, encerrando, dentro da cronologia histórica, acerca do ano 1000.

A retomada se deu no século XI através de traduções da obra grega ao latim, mas foi só no século seguinte, nas escolas urbanas, que mestres e alunos passaram a debater um saber estabelecido há séculos, recheado de lacunas e cercado de dúvidas.

Em paralelo, havia a barbárie, que nunca foi interrompida. A história é praticamente toda pautada em guerras, guerras como as Cruzadas. Foi dentro deste contexto de violência e busca do saber que, em abril de 1199, na reta final do século XII, Joana Plantageneta entrou na tenda de seu irmão Ricardo I, rei da Inglaterra. Grávida de quatro meses, ficou chocada com o que viu.

Ricardo fora flechado em um cerco ao castelo de Châlus, na França, debilitado então pela gravidade do ferimento. Ela o vira enfermo antes, como na Terra Santa, mas não no estado em que se encontrava agora, de corpo inchado e olhar abatido. Contendo as lágrimas, pegou-lhe a mão com as suas.

– Como está você, meu irmão?

– Estou bem... bem próximo do fim.

Introdução

A voz soou enfraquecida pela febre, como a fraqueza da mão. Aquela mão que empunhara a espada com tanto orgulho e coragem, jazia solta agora, suspensa pela irmã cujas lágrimas não lhe foi possível conter.

– Ricardo...

– Não chore, Joana.

Ela chorou. Orgulhoso, ele observou-a por instantes com carinho. Aos trinta e quatro anos, a caçula das irmãs, a irmãzinha preferida, seguia bonita como legítima filha de Alienor da Aquitânia. Buscando distraí-la, e distrair-se, indagou:

– Seu filho, Joana...

– Raimundo?

– Não, falo desse que traz no ventre... quem é seu pai?

– Como assim, Ricardo?

– Oskar?

– Oskar?!

Ela esqueceu o estado do irmão e, meio alterada, disse:

– É de Raimundo, do covarde que vocês arrumaram para me deixar sozinha na guerra!

– E Oskar?

– Oskar é um cavaleiro de verdade!

– Você não sabe quem ele é.

– Já esqueceu que também sou filha de nossos pais, Ricardo?!

– Então, você... você soube, Joana?!

– Sim, num descuido de mamãe... ela me confessou depois.

Enfim, deixaram de lado as velhas intrigas e, juntos, fizeram um passeio ao passado, aos tempos felizes na tão famosa e cantada corte de Poitiers, de sua mãe, a não menos famosa rainha Alienor da Aquitânia. Joana fez o irmão sentir-se melhor. Na despedida, emocionados, choraram abraçados.

Joana era bem bonita, impressionara Filipe Capeto em Messina. (75-169)

Depois que, em prantos, Joana se foi, intrigado, Ricardo pensou em como fora enganado por ela, que sabia de tudo e que, até então, fizera-o pensar que não. De fato, fora Joana a esperta e ele, o bobo. Como se não bastasse, veio-lhe outra lembrança do passado, de São João de Acre, do tempo da 3ª Cruzada, dando-se conta de que fora vítima de um engodo ainda maior. Ele não quis acreditar na descoberta, na sua ingenuidade, mas, era lógico agora, irrefutável. Sem mais a fazer, encontrou ainda forças para gritar:

– Maldito Oskar!

E gargalhou Ricardo I Plantageneta.

Ele morreu dias depois, legando ao irmão João Sem-Terra uma Inglaterra forte, embora ameaçada, se não pela França, por si mesma. E o caçula fez despencar a hegemonia tão arduamente conquistada pelo pai Henrique II, mantida pelo irmão Ricardo I, porém, agravada pelas crises internas, tudo acabou contribuindo à derrocada inglesa junto à ascensão de uma França revigorada.

O responsável pelo sucesso da França foi Filipe II Capeto, rei que, depois de ampliar em três vezes as terras do reino, ganhou o epíteto que a história carregou: Augusto, Filipe Augusto, pomposo título de imperador romano. Por isso, a morte de Ricardo e a ascensão de João foram dádivas aos franceses, tendo forjado a conquista da velha Gália como se o Capeto fosse um legítimo descendente de Carlos Magno.

Filipe Augusto tornou Paris o centro da monarquia, transformada em residência do rei permanente a partir de 1190. (15-76)

E era na França, em Reims, onde vivia a família de Oskar. Agora, abril de 1222, passados vinte e três anos da morte de Ricardo I, Anna Paula, de quarenta e um anos, sobrinha de Oskar, recém soubera que o filho Abelardo, de onze, vinha sendo treinado às armas quando deveria estar voltado exclusivamente às aulas. Ele estudava na escola da catedral, era aluno aplicado, mas, em paralelo, longe dos olhos e ouvidos da mãe, aperfeiçoava-se na arte da espada. Seu sonho era comum aos jovens de seu tempo: formar-se cavaleiro.

Ocorre que a vocação guerreira do filho longe estava dos planos da mãe, quanto mais sendo treinado por João Pequeno, seu marido e pai de Abelardo. Naquele dia, quando o garoto voltou da escola, chamou-o em particular. Buscando conter-se, disse em tom de cobrança:

- Você sabe por que seu nome é Abelardo?
- Sei... é por causa daquele padre.
- Não, não é só por causa do padre, mas do pensador que havia nele!
- E daí?
- Daí o quê?
- Eu não penso?!
- E em que mais se pode pensar com uma espada na mão, Abelardo?!
- Em proteger você por exemplo!
- De quem?

Abelardo viu-se confuso, mas se refez e disse:

– Em que tempo você vive, mãe? No meu, há violência por toda parte, e não vou permitir que sejamos vítimas... não de graça!

- E o que espera ganhar com isso?
- A Cavalaria, ora!

Ela mal acreditou ouvir aquela palavra saída da boca do único filho: Cavalaria, o mundo dos homens e das armas, dos mortos precocemente. E era fato agora, Abelardo queria viver da guerra, o último desejo de uma mãe.

Viúvas eram abundantes na sociedade cavaleiresca. (66-146)

E deu-se conta Anna Paula de que seu plano de formar um pensador erudito, um homem das letras e do saber, estava agora ameaçado, que seus piores temores haviam se tornado realidade, contando ainda com a cumplicidade e o incentivo do marido.

- Isso é coisa do seu pai!

Introdução

– É coisa minha, mãe!

No século XIII, para se formar cavaleiro, era preciso ser filho de cavaleiro ou descendente de algum, ao que ela disse com a satisfação de um pretenso êxito:

– Ninguém dará aval ao seu adubamento, você é filho de burgueses!

– Eu tenho uma carta que me reconhece oficialmente como parte da linhagem de Ricardo Brito.

– Carta de quem, Abelardo?

– Do tio Oskar.

Incrédula, vendo-se traída por todos os lados, disse a mãe:

– Abelardo vem de Abel, não de Caim!

E saiu atrás de João Pequeno, e o encontrou chegando, e fez um discurso que o marido, de quarenta e seis anos, ouviu calado. Estava tão indignada que queixou-se como mãe frustrada, esposa decepcionada, que ele a traía pelas costas, que induzira o filho às armas, e queixou-se também do tio Oskar, cúmplice da traição, que influenciara o filho, que assinara a carta, até ver uma lágrima correr de João.

– Você pensa que vai me comover com lágrimas?

– Leia, Anna Paula.

Estava João Pequeno de braço estendido com uma carta na mão. Num gesto de cabeça, insistiu que a lesse. Ela tomou o papiro, abriu-o e deparou-se com as sentidas palavras da tia Ana Maria, ao que disse enfim:

– Ai, tio... perdoe-me!

Não podia ser verdade, não o tio Oskar. Mas, estava escrito que ele falecera onde nascera, no Monte Saint-Michel. Era um convite da tia a uma visita, para que a família se reunisse para as preces ao tio. Anna Paula chorou.

Muitos cavaleiros optavam por se retirar no Monte Saint-Michel. (200-15)

À noite, exaurida pela dor, após um descabido bate-boca durante a ceia, apesar da umidade, Anna Paula foi ao recanto da família, um jardim interno onde havia algumas estátuas. Lá, ficou a lembrar-se dos tempos passados com o tio, das tantas conversas naquele mesmo jardim, sentindo então a saudade que dele carregaria pelo resto de seus dias. Triste, elevou o rosto para observar o fenômeno.

“Brilhava com tanta intensidade que iluminava a maior parte do céu.” (22-152)

O cometa Halley foi especialmente impressionante na Idade Média, aparecendo em 451, 530, 607, 684, 760, 837, 912, 989, 1066, 1145, 1222, 1301, 1373 e 1456. (12-101)

Com os olhos rasos d'água, uma lembrança da infância lhe ocorreu, de quando o vira se preparando para mais uma de suas tantas viagens, quando lhe pedira:

– Tio Oskar, você pode me trazer um presente?

– O que você quer?

– Um par de pentugas.

– Como?

– Pentugas.

– E o que são pentugas, Paulinha?

- Protetores de ouvido contra o frio.
- Protetores de ouvido... de onde você tirou essa palavra?
- Eu a inventei, ora!
- Pentugas?!
- O que é melhor de dizer... protetores de ouvido ou pentugas?
- Ah... pentugas, sem dúvida!
- Traga-me um par então!
- Ambos riram.
- Trarei suas pentugas!

Assim fora o tio, muito divertido. Ele sempre participara das brincadeiras dela sem perder uma só chance de rir. Adorava rir. Desde então, faria muita falta o tio Oskar.

A família de Anna Paula residia em Reims desde a chegada de seu pai à cidade, e a posterior chegada do avô, quando juntos instalaram o ofício de encadernação de livros que, até o momento, mantinha-os em bom padrão econômico. Dentre os parentes vivos, com a exceção de João Pequeno, este nascido na Inglaterra, na região da floresta de Sherwood, os demais tinham Reims por origem, eram todos franceses.

E Reims não era uma cidade qualquer. Desde o século IX, lá se davam as coroações reais, na catedral de Reims, onde soberanos como Filipe Augusto foram ungidos pela mão do arcebispo.

O rito da unção, aplicada pelo arcebispo de Reims sobre a cabeça, sobre o peito e os ombros, na altura da junção com o braço, e sobre as mãos do rei. (169-195)

O episódio fará de Remígio um dos grandes santos da monarquia franca e, de Reims, a catedral obrigatória para a sagração de seus reis. (133-61)

Filipe Augusto nasceu em 1165, coroado aos quinze anos, pouco antes da morte de seu pai Luís VII. Portanto, era rei da França quando morreu Henrique II Plantageneta em 1189, era rei quando morreu Ricardo I em 1199, e ainda era rei quando morreu João Sem-Terra em 1216. Agora, em 1222, Henrique III e Filipe II eram respectivamente reis da Inglaterra e da França.

E a carta de Ana Maria prostrara a família. Lágrimas rolaram, abraços e palavras de apoio foram trocados. Antes da ceia, todos se reuniram na casa de Anna Paula e João Pequeno para uma homenagem ao tio. Seria no recanto especial, junto aos túmulos dos bichos que fizeram parte da família, mas a chuva impedira. Dentro então, incensos e velas ardiavam. Rosa, católica apostólica, fez a oração.

Rosa de Reims vinha de uma família pobre, burguesa, cristã e de educação orientada à repetição. Ela não demorou a perceber que a nova família não era praticante como a dela, sobretudo nas missas. Joanna, a falecida sogra, sempre preferira ir ao templo vazio, sem gente à volta. Anna Paula, a cunhada, não era muito adepta, embora marcasse presença para não ser cobrada. João Pequeno ficava no fundo da igreja, então o pároco de São Remígio sabia quando o casal estava presente. Já seu marido Arthur dizia preferir missas na catedral, onde mal fazia presença. Res-

Introdução

tara a Rosa o papel da constância. Neste sentido, não concordava com os parentes ao mesmo tempo em que não cobrava deles, limitando-se a fazer sua parte e, junto, levando a filha para assimilar a tradição.

Depois, sentaram-se todos à mesa para cear e conversar sobre a partida, definida então para *depois de amanhã*. E tudo correu bem até que, de repente, Rosa surpreendeu o grupo com palavras fora do contexto. Resultou que Anna Paula deixou sua casa e, sentida, dirigiu-se ao recanto dos bichos. Naquele instante, a chuva cessara e nuvens se abriram a revelar o cometa, a lembrá-la de outro diálogo:

– Com tanta experiência, tio, diga-me... quantas mulheres você já teve?

– Marcantes?

– Começemos por essas... quem foram?

Oskar buscou na memória a cronologia para citá-las enquanto a sobrinha anotava os nomes. Ao concluir, fez a contagem:

– Uma, duas, três, quatro, cinco, seis, sete, oito... oito mulheres, tio?! Como é possível um homem ter oito mulheres?

– Bem... decerto que não foram ao mesmo tempo.

– E as não marcantes?

– Vai faltar tinta.

– Ai, tio!

Agora, a sorrir, lembrava-se dele com muito carinho e saudade. A observar o cometa, de repente, viu aproximar-se correndo a sobrinha de cinco anos, que chegou ofegante, abraçou-se nela e disse:

– Tia Paula, eu vou com vocês ao Monte Saint-Michel!

Anna Paula sorriu, sem imaginar que a pequena quase ficara de fora, esta que apontou ao bólido no céu.

– Você já descobriu o que é aquilo, tia?

– Não... só sei que é lindo e misterioso.

– Parece uma estrela de rabo comprido.

– Não é uma estrela, mas um corpo celeste... dizem que esse tipo de coisa é sinal de algo importante.

– O quê?

– A morte do tio por exemplo.

– É para ele?

Anna Paula sorriu e acariciou o rosto da sobrinha.

– Não, querida, não é para ele, foi só um exemplo que usei.

– Quem foi o tio Oskar?

– Pois é, o que dizer do tio Oskar...

Anna Paula se interrompeu. A pequena insistiu:

– Nada?

– Ao contrário, Rebeca... tudo!



1. Rebeca de Reims

Os loucos e as crianças costumam dizer a verdade.

Umberto Eco

Ricardo I Plantageneta morreu em abril de 1199, há cem anos da dramática conquista de Jerusalém na 1ª Cruzada, em julho de 1099. Ricardo lutou como poucos na Terra Santa, a brandir a espada como se fosse mais um de seus cavaleiros. Foi um exemplo na arte militar, no comando de seu exército, o ideal do rei guerreiro, mas diferente na direção do reino. Em seu tempo, se não fosse a rainha-mãe Alienor da Aquitânia, esta sim talhada ao poder, a Inglaterra de Ricardo não teria sido a mesma. Depois, veio João.

João Sem-Terra conseguiu boicotar o próprio reino para sorte de Filipe. Porque, quando fora Henrique II o rei da Inglaterra, e Ricardo I depois, a França estivera por ser submetida. E a submissão da França acarretaria grande perda política à Igreja de Roma, cúmplice dos francos desde os reis merovíngios, embora, como toda e qualquer relação, sujeita a altos e baixos. Então, a surpresa: Ricardo foi ferido e morreu. João herdou-lhe a coroa e pôs tudo a perder.

Foi durante o reinado de Filipe Augusto que se tornou evidente toda a força da autoridade monárquica no mundo feudal e puderam ser colhidos os frutos da centralização. (12-147)

Com Filipe Augusto, vemos a realza buscar a sua libertação diante do poder clerical, em sua tentativa de separar o poder temporal do eclesiástico. (98-556)

Portanto, o século XIII iniciou com um giro da Roda da Fortuna, porque a Inglaterra caiu enquanto elevou-se a França. Isso aconteceu tanto no plano político quanto no econômico e social por conta do crescimento das cidades francesas desde o século anterior, a transformar o cenário de feudal para urbano.

Com a volta do dinheiro em circulação, uma nova classe urbana emergiu enriquecendo rápido e passando a exercer pressão política. Para tanto, as cidades vinham se armando desde o século XII com soldados, mercenários e toda a parafernália militar. Porque o dinheiro podia comprar, contratar, corromper, inclusive, comprar a liberdade. Foi assim que se deu o renascer da economia monetária, dos burgos e das cidades medievais.

Na virada do século XII para o século XIII, um novo mundo urbano se afirma através de valores e comportamentos novos, o gosto pelo intercâmbio, comercial ou intelectual, os preços do trabalho, do tempo e do dinheiro. (169-177)

Esse período medieval foi antes um período de pensamento corporativo. (37-228)

O século XIII foi o século das corporações, e uma delas, em especial, fez com que tudo mudasse: a universidade de ensino. Através dela, expandiu-se o conhecimento que soprava do mundo grego clássico via traduções do árabe ao latim. Não foi ao acaso, portanto, a volta da dialética às aulas, cujas perguntas brotaram de mentes jovens e abertas ao conhecimento. Naturalmente, no rastro das perguntas, vieram os debates.

“Quodlibets” eram discussões nas quais qualquer membro da audiência podia levantar uma questão sobre qualquer tópico. (228-87)

Em Paris, esses conflitos ganhavam dramaticidade mais intensa do que em qualquer outra parte da Europa. (181-6)

Vivemos num planeta solitário em que somos levados, dia após dia, ano após ano, milênio após milênio, a fazer perguntas. A curiosidade é parte da natureza humana, e esta tem o dom, para não dizer o vício, de fazer perguntas.

– Quem foi o tio Oskar?

Aos cinco anos, e mesmo antes, Rebeca fazia perguntas. As crianças fazem perguntas, sempre fizeram, sempre farão. O problema são as respostas, porque nem sempre estamos aptos, pelos mais diversos motivos, a respondê-las.

No dia da viagem, Rebeca foi despertada cedo. Ela partiria na companhia do pai, Arthur, e dos tios, Anna Paula e João Pequeno. Rosa não viajaria por conta do imbróglio que tivera com a cunhada, que todos presenciaram. E não foi a primeira vez.

Os problemas começaram quando falecera Joanna de Saint-Michel, mãe de Anna Paula e de Arthur, avó de Rebeca. Pois, Rosa, que sempre cuidara dela calada, que nunca se manifestara sobre negócios, mudara de atitude e passara a se intrometer no que dissesse respeito ao dinheiro, a reivindicar seu controle sobre as contas. Nada havia de errado nisso, o problema foi o momento de acontecer, após a morte de Joanna, e, sobretudo, o modo como passou a insinuar-se, como se tivesse dúvidas da transparência da cunhada.

Joanna passara doente por anos, Rosa muito ajudara neste sentido. Fora contratada para isso, para que Anna Paula tivesse tempo livre à administração do escritório. Com a permanência, ela caíra nas graças de Arthur, irmão de Anna Paula, e acabara se casando com ele. E tudo corria bem até a morte de Joanna, quando Rosa passou a se meter em qualquer assunto, mesmo sem entender do assunto.

Anna Paula sempre cedia, não havia o que dela esconder, mas a relação entre ambas foi piorando gradativamente, chegando ao limite naquele final de tarde. Aconteceu quando Rebeca foi sentar-se ao lado da tia e, solidária, abraçou-se nela. Ficaram ambas assim por algum tempo, até a enciumada Rosa dizer:

– Venha, Rebeca, vamos dormir!

– Deixe-a ficar mais um pouco, Rosa.

Anna Paula pediu com respeito, era um consolo ter a sobrinha ao lado. As crianças lidam com a morte de um modo diferente dos adultos, sendo capazes de promover solidariedade mesmo sem saber. Era o que Rebeca estava fazendo, mas Rosa mudou o tom:

– Faça de Abelardo o que bem quiser, Anna Paula, é seu filho... mas não se meta quando me dirijo à minha filha!

Todos ficaram surpresos com as palavras, quanto mais com o semblante de Rosa. Embora tristes pela morte do tio, o ambiente estivera até então solidário, quando foi quebrado de vez. Arthur interveio:

– Deixe-a aqui mais um pouco, Rosa.

– Já vai ficar do lado dela?

Rosa foi até a filha, pegou-lhe a mão e afastou-a da cunhada. Antes de cruzar a porta, ouviu de Anna Paula:

– Não vai perguntar a Rebeca?

Rosa se voltou ainda mais irritada.

– Será que não fui clara o bastante? Deixe minha filha em paz!

– Como se fosse encontrá-la com você!

– O que você disse?

– O que você ouviu!

Arthur e João Pequeno se entreolharam confusos. Disse Rosa:

– Por que você não some da minha vida, Anna Paula?

Ao dar-se conta da discussão sem sentido ao momento, Anna Paula se ergueu e saiu de casa. João Pequeno foi atrás dela, mas seu cunhado Arthur o impediu, queria falar-lhe, e foi Rosa quem falou:

– Se disser uma só palavra a favor dela, eu juro que sumirei daqui com Rebeca!

E saiu Rosa com a filha de arrasto, deixando pasmos marido e cunhado.

– E essa agora, Arthur?

– Temos que dar um jeito nessas mulheres!

– Foi Rosa quem começou!

– Sim, mas isso não vem de hoje!

– Fale com Rosa e falarei com Anna Paula, há uma viagem em vista!

Arthur saiu enquanto João se voltou para Anna Paula, mas Abelardo, que a tudo assistira calado, disse:

– Deixe mamãe em paz, ela está sentida pelo tio Oskar.

– Não, eu... bem... sim, você tem razão, filho!

João Pequeno e Abelardo ficaram em casa. Arthur encontrou a esposa trocando a roupa da filha e conversou com ela. Ao acalmar-se, ficou decidido que, em não havendo jeito de ambas viajarem juntas, Rosa ficaria em Reims. Ele, como fazia questão de se despedir de Oskar, seu tio de sangue, não deixaria de partir. E, como Rosa ficaria sozinha com os funcionários, decidiram que Rebeca ficaria também. Só não contavam com a reação.

– Quem, mãe?

– Você e eu.

– E eles?

– Eles vão ao Monte Saint-Michel.

– E por que não vamos junto?

– Porque é melhor assim, porque nós...

– Eu também quero ir!

Bem que Anna Paula instigara a sobrinha à viagem ao Monte Saint-Michel, famoso por sua abadia, marés e peregrinações. Dissera nunca ter ido lá, onde os irmãos Joanna e Oskar haviam nascido, onde São Miguel Arcanjo deixara sua marca,

abençoando a abadia que lá fora instalada no século X. Portanto, apesar de muito jovem, Rebeca tinha discernimento para não aceitar que os demais partissem sem ela.

– Nós vamos ficar aqui e não se fala mais nisso!

– Eu quero ir, mãe!

Vendo a aflição da filha e sua calorosa resistência, algo lhe ocorreu e, sem muito pensar, disse Arthur:

– Rebeca vai junto!

– Mas... você acabou de concordar comigo, Arthur!

– São dois contra um!

Dois contra um, a matemática tem esse poder de decisão. Porque fora Rosa quem criara o imbróglio, quem fizera confusão num momento inapropriado, quem optara por ficar de fora, então, que ficasse agora. Foi o recado do marido, deixando claro também que precisava de um tempo. De saldo, ela não ficaria sozinha porque Abelardo, focado no treinamento, não quis partir.

Rebeca aproveitou a deixa dos pais para correr ao pátio, encontrando Anna Paula junto à estátua de Erik, falecido cão. Arquimedes, o atual, aproximou-se enquanto elas conversaram sobre o cometa e o tio. Como o bicho tinha o incorrigível hábito de lambar quem estivesse próximo, Rebeca o apelidara de Lambão. Agora, só pensava em viajar.

Uma igreja foi construída no topo do Monte Saint-Michel, completada em 1084. (200-14)

O Monte Saint-Michel se tornou um destino da peregrinação medieval. (205-109)

Enfim, o grupo partiu de manhã cedo porque, em geral, viajava-se à luz do dia na Idade Média. Aliás, praticamente tudo se fazia à luz do dia. À noite, lenha e velas eram caras, só os ricos podiam se dar ao luxo. Para a imensa maioria das pessoas, a noite era feita para se recolher, mesmo porque o lado de fora ficava repleto de bichos, demônios e criaturas de todos os tipos e tamanhos. Daí a importância da luz do Sol, a luz de Deus.

Os bestiários não falam apenas dos animais verdadeiros. Dedicam geralmente longos capítulos aos monstros e aos seres quiméricos. (1-169)

O grupo partiu a cavalo, sendo Rebeca acomodada com Anna Paula. Junto, seguiam João Pequeno, Arthur e dois homens contratados que serviam em Reims: Guido de Avranches, o Feio, líder do grupo, e Matias de Auxerre, seu escudeiro, próximo de se formar cavaleiro.

Dependendo do meio de transporte, do terreno e do clima, as distâncias percorridas no século XIII variavam entre vinte e cinquenta quilômetros ao dia. De sorte, havia a paisagem da primavera, a viçosa natureza a se revelar a cada instante. Rebeca estava encantada, quanto mais ao lado de sua tia querida. Fosse por onde andassem, eram sempre acompanhados pelo estranho fenômeno no céu.

Foi durante a viagem que Anna Paula e João Pequeno conversaram. Ele explicou que não só Abelardo queria ser cavaleiro como era importante que fosse.

– Como assim, João?

– O feudo de Oskar não tem mais senhor, seu lugar está vago!

Anna Paula ficou confusa. Ela nada havia pensado ainda, sequer tivera tempo de pensar. Porque a tia Ana Maria não tinha direito à herdade na medida em que sequer fora casada com o tio. De fato, ela fora, como diziam à época, sua *concubina*. Portanto, se houvesse um parente cavaleiro, teria direito à posse, era onde entrava Abelardo.

– E o que temos a ganhar com isso, João?

– Terras, Anna Paula!

– Terras... a vida de Abelardo por terras!

– E alguma vez você perguntou a ele?

– Como assim?

– Que chance lhe deu além dos livros?

– A chance de viver mais tempo!

Arthur interveio:

– Quer dizer que, sem livros, não sobreviveríamos?

– Isso faz muito sentido!

– Vejam!

Foi o grito de Rebeca, e todos se voltaram a um casal de javalis a poucos metros da estrada. Puxaram as rédeas para vê-los, mas os bichos dispararam em seguida. Mais adiante, assistiram à travessia de uma família de lobos. Assim, animais da floresta surgiam e desapareciam como passes de mágica. Feliz, excitada, a pequena adorava encontrá-los. E, aos poucos e cada vez mais, a viagem se fez com muitas surpresas e expectativas.

Até que, numa tarde ensolarada, do alto de uma colina, avistaram o Monte Saint-Michel ao longe. Ficaram encantados. Rebeca bateu palmas, imitada por todos, entusiasmados. Quanto mais se aproximaram, mais vistosa ficou a ilha, cujo brilho contra o céu se refletia no leito úmido como se fosse uma relíquia de Deus sobre uma gigantesca plataforma de prata.

Quando chegaram enfim à beira, já não havia obstáculo ao Monte Saint-Michel, senhor absoluto da baía. Restava o leito úmido a percorrer, ao que indagou Anna Paula:

– Vê aquela igreja no alto, Rebeca?

– Sim... como se chama?

– Igreja de São Miguel, sua tonta!

– Ai, tia!

Todos riram. O grupo esperou a vinda de um guia para levá-lo ao pé do monte onde Ana Maria, entre sorrisos e lágrimas, o aguardava. O reencontro foi comovente, entre abraços e mais lágrimas. Depois dos afagos, carinhos e trocas de palavras, foram até a casa onde o tio passara seus últimos anos. Sozinha desde então, Ana Maria a ocupava, em Beauvoir, a comunidade ao pé do monte. Foi onde Rebeca e Anna Paula acabaram instaladas.

Uma mulher cega disse sobre o Monte Saint-Michel: “Como é lindo de se ver”, e a vila onde se instalou foi chamada Beauvoir. (200-16)

Em seguida, subiram ao cemitério, ao túmulo do tio, destino da viagem. Lá, acenderam velas, incensos e se colocaram à volta. Guido e Matias ficaram afastados em posição de respeito. Ana Maria e Anna Paula se mantiveram juntas. Arthur e João Pequeno ficaram ao lado, não menos emocionados. Assim, cada qual fez sua prece de despedida.

Rebeca, em silêncio, conhecera o tio aos dois anos, mas não se lembrava disso. Curiosa, meio dispersa, observava os pássaros em revoadas, mais parecendo estar ali em homenagem ao cavaleiro Oskar de Saint-Michel. Emocionada, disse Anna Paula:

– Nós esperamos que esteja feliz como tanto fez por merecer, tio Oskar... viemos aqui para agradecer por tudo que aprendemos de você, o melhor tio do mundo, e...

Chorou Anna Paula. Todos aguardaram em silêncio. Ao refazer-se, ela concluiu:

– Obrigada de coração por ser nosso amado e eterno tio Oskar!

Após um tempo de silêncio, depois de secadas as lágrimas, em meio a fúgadas, deixaram o cemitério para iniciar a subida, chegando ao primeiro piso da abadia. Este era reservado aos peregrinos populares, onde João Pequeno e Arthur acabaram instalados. Guido e Matias foram abrigados no piso acima, voltado aos membros da Cavalaria. Sobre este, o terceiro e mais alto piso, exclusivo aos monges. Dessa forma, o Monte Saint-Michel representava a hierarquia feudal com suas três ordens empilhadas, cada qual no seu devido lugar. No século XI, escrevera o bispo Adalberto de Laon:

“Tripla é a casa de Deus que se crê una: em baixo, uns rezam, outros combatem, outros ainda trabalham.” (88-16)

Os clérigos dessa época imaginavam a sociedade cristã ideal dividida em três ordens (ou três funções) hierarquizadas: os que rezavam, os que combatiam, os que trabalhavam. (3-10)

Religiosos, guerreiros e trabalhadores, *oratores, belatores e laboratores*, as três ordens do feudalismo. Porém, no século XIII, duzentos anos depois do bispo Adalberto, havia a quarta ordem, aquela que mudava o Ocidente a largas passadas, a romper a hegemonia feudal: a burguesia.

A “ascensão da burguesia” representa o aparecimento de uma classe social cujo poder econômico baseia-se mais no dinheiro do que na terra. (74-253)

Essa nova classe possuía dinheiro e liberdade, e seu mundo era o mercado, não mais a Igreja, o castelo, o feudo. (132-58)

Os burgueses de Reims chegaram enfim à pequena plataforma da igreja, cuja vista era de tirar o fôlego. Era possível observar o alargamento da baía ao norte, ao Canal da Mancha. A leste, a Normandia. A oeste e sul, a Bretanha continental. Foi de onde viram a chegada da maré. De início, é lento o processo, mas, de repente,

o volume cresce e a baía se torna uma grande praia. Assim, no elevar-se da maré, o Monte Saint-Michel se faz ilha.

Convidados pelo abade Tomás de Chambres, fizeram a ceia no refeitório, não no horário dos monges, de modo a encerrar a viagem. Estavam satisfeitos com tudo que acontecera, desde a partida de Reims. A viagem correria bem, dentro do previsto, então, a chegada, as preces, a visita, o passeio, e, agora, exaustos, faziam um último brinde ao tio e a todos que haviam partido. Enfim, recolheram-se.

Do outro lado, numa espécie de calçadão com baixa maré, fica o monte de São Miguel, local de um antigo mosteiro celta. (134-150)

O lugar hoje chamado de Monte Saint-Michel era originalmente conhecido como Monte Tumba. (200-7)

Naquela noite, ao lado de Anna Paula, Rebeca teve um sonho. Estava no colo da mãe quando viu um homem diante dela, enorme, envelhecido, que a pegou no colo e, com olhos rasos d'água, observou-a com interesse e encantamento. Pareceu dizer-lhe algo com o olhar. Foi o que mais a impressionou: seu olhar. No dia seguinte, ela se lembrou do sonho, mas sem saber quem era aquele homem.

Em Reims, Abelardo andava indignado com a tia. O modo como tratara Anna Paula fora inadmissível, quanto mais num momento triste, quando as atenções tiveram outro foco. Ele não se metera na ocasião, apenas assistira a tudo calado, mas sem deixar de perceber cada detalhe, cada palavra, cada expressão.

Na primeira semana que passaram juntos, Rosa e Abelardo se trataram formalmente sem muito conversar. Fizeram uma só refeição juntos, constrangedora o bastante para ser a última. Na ocasião, mal se falaram. Assim, pouco se viram na primeira semana, com a tia em sua casa e o sobrinho na dele, onde morava com os pais.

No oitavo dia, Abelardo chegou à oficina e viu Rosa, de vinte e sete anos, falando de modo agressivo com uma jovem funcionária de dez. Parecia mesmo ser outra pessoa, não aquela tia do passado. Ele associou o que via à briga entre Rosa e Anna Paula, e interveio:

– O que está acontecendo?

Rosa respondeu fitando a jovem:

– Eu disse para ter cuidado, mas essa burra faz tudo errado... veja só o que ela fez!

Rosa mostrou o motivo da briga: um livro recentemente mal encadernado, de tal modo que algumas folhas estavam descosturadas. Fora devolvido e ela estava a repreender a funcionária que ouvia entre calada e assustada. Abelardo se voltou à jovem:

– É a primeira vez que isso acontece, Lisa?

– Sim.

De olhar baixo, respondeu choramingando. Abelardo se voltou à tia:

– Errar é humano, sabia?

– E quem vai pagar o prejuízo? Sabe quanto custou esse livro?

– E você, nunca errou? A não ser que isso se repita, deixe-a em paz!

Mudando de tom, Abelardo indagou a Lisa:

– Você sabe como se faz encadernações como essa?

– Sim, eu aprendi, mas... acho que preciso de mais orientação.

– Eu também acho!

E se voltou à tia:

– Providencie para que ela aprenda o modo certo, porque você é a responsável por esse livro estragado!

– Como assim, Abelardo?

– Quem está cuidando do ofício?

– Deixe de ser atrevido comigo!

Abelardo fitou-a e saiu, não queria mais confusão. Enquanto se afastava, ouviu:

– É bem filho de Anna Paula!

Foi demais. Ele se voltou para ela:

– Quem você pensa que é para falar assim da minha mãe?

A expressão do sobrinho assustou a tia.

– Minha mãe não tem culpa de ser mais inteligente que você, além de mais culta, mais sábia, mais alta, mais...

– Pare com isso, Abelardo!

– Minha mãe não tem culpa de ser muito mais bonita que você!

Ele se foi deixando-a a gaguejar, não só diante de Lisa, mas de todos os funcionários que saíram para ver o que se passava. Perplexos, só restou um constrangedor silêncio. Após instantes, incrédula ainda, Rosa afastou-se. Os demais, aos poucos, entre cochichos e fofocas, voltaram aos seus afazeres.

Longe de Reims, ao amanhecer do Monte Saint-Michel, a esfregar os olhos, Rebeca se viu sozinha. Meio apreensiva, ergueu-se, foi até a rua e viu Anna Paula próxima a conversar com um monge. No outro lado, à distância maior, estava Ana Maria alisando o pelo de um cavalo negro como a noite. Descalça, correu até a estrebaria.

– Era do tio Oskar?

– Sim, Rebeca, Mile é seu nome.

– Como é grande!

– Grande, belo e forte... é um cavalo de batalha!

A sobrinha aproximou-se e Mile baixou a cabeça enorme para que pudesse alcançá-lo, a quem ela passou a acariciar.

– Mile gostou de você.

– É muito querido esse cavalo... você já montou nele, tia?

– Sim, claro... aliás, houve uma vez em que seu tio louco quase me matou!

Anna Paula chegou naquele instante e beijou a sobrinha. E Ana Maria contou a elas o que passara sobre Mile. Disse que seu cavalo perdera uma ferradura e que, precisando partir, uma vez que a distância era curta, Oskar sugerira que ambos seguissem em Mile. Depois, no caminho, ela se queixara:

- Vá mais devagar, Oskar!
- Estamos atrasados.
- Veja como o chão passa veloz!
- Veloz?! Chama isso de velocidade? Segure-se então!
- O quê?
- Segure-se!

Foi uma ordem. Ela o abraçou com força.

- O que vai fazer?
- Nada!
- Como assim?

– Mile o fará... vamos, Mile, mostre a ela o que é velocidade!

Com a esporada, o grito e o movimento forte nas rédeas, o animal entendeu ser a hora do exercício favorito de um cavalo.

- Não, Oskar!
- Ao ataque, Mile!
- Que ataque?!

E disparou Mile pela estrada aos gritos apavorados de Ana Maria sobre o animal a correr como se estivesse dentro de uma carga de cavalaria. O bater dos cascos no chão de terra, a poeira, o vento no rosto, os cabelos à solta, tudo era emocionante nas largas passadas do potente garanhão solto e desenfreado. E correu ao limite, aproveitando como se fosse a última vez. Até desacelerar, aos poucos e cada vez mais, e, enfim, ofegante, voltar ao passo anterior.

- Você é doido, Oskar!
- Agora sabe o que é correr!
- Sim... e amei!

Ana Maria ainda lhe deu um tapa nas costas.

- Podíamos ter morrido, sabia?
- Se assim fosse, chegaríamos a galope no Céu!
- Você no Céu?!

Ambos gargalharam. Já Rebeca, excitada com a história, disse:

- Que coisa boa deve ter sido!
- Mile pareceu voar!
- Como são fortes os cavalos!
- Bem mais do que a gente pensa.
- Ele foi à guerra, tia?
- Acho que sim... e os cavalos são instintivos também.
- O que é isso?

– Oskar falou-me de uma carga de cavalaria em meio ao que lhe pareceu ser um terremoto, dos tantos cascos batendo na terra, e que seu cavalo o salvou quando ele acreditava estar perdido.

- Mile?
- Não, foi o que ele tinha no Ultramar.

Anna Paula, que permanecera calada, lembrou-se do filho e do tipo de vida a que estava se voltando, como a do tio, com larga chance de ser abreviada. Meio sem pensar, disse:

– Esses homens são completamente doidos... imaginem espetar o corpo de alguém com a ponta de uma espada, o que pode ser mais insano?

Mile deu um curto e forte relincho mais se parecendo com um protesto, como se cavalos e homens estivessem unidos em seus violentos propósitos.

Espetar uma espada num outro corpo humano pode ser uma ação correta ou incorreta, mas, em si mesmo, o ato não está certo nem errado. (194-67)

“Quanto aos laicos, quando ouvirem alguém falar mal da lei cristã, devem defendê-la enfiando-lhe a espada no ventre tanto quanto ela possa entrar.” (74-318)

Rebeca indagou:

– Os homens são doidos, tia?

– Todos... homens e cavalos!

Disse Anna Paula fitando Mile, que virou a cabeça enorme parecendo fugir do olhar ferino da mulher, ao que todas riram. Em seguida, acomodaram o animal com aveia e forragem. Depois, o desjejum. Em casa, dentre mastigadas e falas, Ana Maria reparou a jovem sobrinha a olhar com atenção à prateleira.

– Gostou da escultura, Rebeca?

– O que é aquilo?

– Vou pegar para você.

Ana Maria arrastou o banco até próximo da escultura e pediu que Anna Paula a pegasse. Com cuidado, sobre o banco, a sobrinha retirou-a e a pôs sobre a mesa, diante de Rebeca, esta que observou o trabalho em madeira e disse:

– É um passarinho!

– Sim, um passarinho... é sua essa escultura, tia?

– Sim, Anna Paula.

– Que linda!

A pequena indagou à tia escultora:

– Ele está dormindo?

– O que você acha?

– Acho que está dormindo.

– Bem... sim, é isso mesmo, o passarinho está dormindo nas mãos de alguém.

– De quem, tia?

– Ah, querida... isso é uma longa, muito longa história!

Naquele instante, chegaram Arthur e João Pequeno famintos, juntando-se ao grupo de mulheres. Participaram do desjejum e conversaram sobre o que fazer. Os homens queriam ir ao feudo da família. Como a suserania voltara ao abade de Saint-Michel, no caso, Tomás de Chambres, este empossara outro cavaleiro temporariamente. Foi o que disse João:

– Tomás pensa em deixar o feudo a quem está lá agora.

– Quem?

– Kay, um vassalo do tio Oskar.

Ana Maria explicou:

– Oskar foi o senhor até morrer... mas, enquanto vivo, deixou Kay no comando para poder ficar aqui no monte, onde mais gostava de estar... como não deixou um filho cavaleiro, caberá ao abade decidir sobre o novo senhor quando Kay morrer, o que será em breve.

– Como sabe?

– Ele está muito doente.

– Será Abelardo o novo senhor!

Foi o que disse João Pequeno a fitar a esposa, que respondeu com olhar de censura. Por outro lado, se o filho não se formasse cavaleiro, perderiam o historicamente disputado feudo da família. Mas, afinal, precisavam mesmo daquela herdade? João Pequeno disse que nada havia a decidir, que era preciso tomar o pé da situação e saber de que herança se tratava. Para isso, estavam de partida ele, Arthur, Guido e Matias, o que fizeram após o desjejum.

O feudo é transmitido em herança pelo vassalo aos descendentes, conforme expressa o adágio: “o morto investe o vivo”. (133-125)

Depois que se foram os homens, a velha tia pegou as sobrinhas pelas mãos.

– Venham, vamos conhecer *La Merveille*.

O trio subiu o monte até a abadia, subiu os três pisos e chegou ao claustro em obras, ao lado da igreja. Era onde Ana Maria dedicava os dias como escultora, a talhar pedras com martelo e cinzel de ferro. Era uma escultora de *mão cheia*, tanto que o abade fizera questão de contratá-la. *La Merveille*, a maravilha, como é chamado o claustro, tornava ainda mais bela a abadia.

Filipe Augusto enviou muito ouro para a reconstrução do Monte Saint-Michel. (200-19)

Rebeca tocava delicadamente as pedras. Percebia o frio, curiosa pela dureza e solidez, e as ferramentas da tia, a sentir o peso do ferro maciço nas mãos. Depois, foram conhecer as instalações enquanto os monges se dedicavam a suas tarefas estabelecidas na *Regra de São Bento*. Então, subiram o campanário, cuja vista era ainda mais longínqua. Disse Anna Paula:

– Como isso tudo é lindo, tia!

Rebeca apontou ao norte.

– O que há lá?

– Lá está o Canal da Mancha... no outro lado do mar, fica a Inglaterra.

– O que é isso?

– É um reino como o nosso, mas de outro rei.

– Quem?

– Henrique Plantageneta.

Satisfeitas, encantadas, elas desceram e se dirigiram à marca de Miguel Arcanjo. Rebeca estava ansiosa por ver o famoso pé. Em sua fértil imaginação, pensava ser uma clara e bem definida pegada. Mas, ao ver a placa de mármore sob o afun-

damento da rocha, que sequer se parecia com um pé, ficou frustrada. As crianças enxergam as coisas como são.

Rebeca guardou consigo a decepção enquanto observava aquele pé sem graça. Ficou surpresa também porque, vez por outra, pessoas passavam por ali e faziam o sinal-da-cruz em reverência. Foi a primeira vez que percebeu algo sem nexo em seus poucos anos. Nada racional, era jovem ainda, mas, em sua inocência, não viu qualquer sentido naquilo.

Estas eram viagens a santuários onde se veneravam relíquias. Por exemplo, ia-se até o Monte Saint-Michel venerar a marca de pé que o arcanjo Miguel deixara na rocha. (50-32)

À noite, Rebeca teve outro sonho. Viu a escultura do passarinho adormecido e passou a acariciá-lo com cuidado enquanto se encantava com a fragilidade do bicho. De repente, ele abriu seus olhos minúsculos, ergueu-se e passou a bater asas, até tomar impulso e voar. Ela acompanhou o voo, quando reparou uma incrível coleção de vitrais coloridos ao fundo.



2. A Ruptura

O homem é dono do que cala e escravo do que fala.
Sigmund Freud

Quais são as possibilidades da criação? Há quem pense que o Universo foi criado por geração espontânea, num passe de mágica em que *nada* virou *tudo*. Também há quem creia em ter havido um só criador chamado Deus, com D maiúsculo e do sexo masculino. E há quem diga que foram vários os criadores.

De início, importa a distinção entre *tudo* vindo do *nada* e de ter havido uma causa. Se soa estranha a primeira, que encerra em si mesma, cumpre ponderar a segunda. Porque a criação causada implica mais duas possibilidades, a saber: ou a causa se encontra fisicamente separada da criação, ou, ao contrário, teria se tornado o Universo. Neste sentido, monoteísmo e panteísmo parecem andar de mãos dadas quando defendem que o Criador se encontra dentro de cada um de nós.

Monoteísmo: doutrina religiosa que defende a existência de uma única divindade; culto ou adoração de um único deus. (20-1954)

Panteísmo: doutrina filosófica caracterizada por uma extrema aproximação ou identificação entre Deus e o universo, concebidos como realidades diretamente conexas ou como uma única realidade integrada. (20-2119)

O Universo desenvolveu-se pautado numa estratégia natural que conspira para que a vida brote nos mais diversos tempos e lugares, de todas as formas, cores, tamanhos, aromas, enfim, um complexo sistema que se reproduz através de leis previamente estabelecidas. Nosso Cosmos foi feito para que a vida brote em abundância onde puder. O Criador, seja o que for, seja quem for, seja quantos forem, projetou um sistema autossuficiente e, o que mais intriga, matemático. Como não considerar tamanha evidência?

É absurdo que o evolucionista se queixe de que é impensável que um Deus impensável faça tudo a partir do nada e depois finja que seja mais pensável que o nada se torne tudo por si só. (37-352)

O princípio de não reflexividade das relações de origem postula que nada pode originar-se de si mesmo. (130-119)

A razão não pode demonstrar a criação de coisas a partir do nada. (194-135)

Extrair a existência da não existência é uma impossibilidade não apenas física, mas lógica. (243-178)

Poderia nada haver, mas houve algo que optou pelo tempo, espaço, matéria, energia, e que, portanto, levou-nos a chegar aonde estamos. Mas, a que serve esse debate sobre a criação se fomos abandonados à própria sorte? Pois, serve especialmente à sobrevivência. Porque sempre foi assim, desde os nossos ancestrais, um longo e árduo caminho, e tudo se deveu à nossa curiosidade e vocação para fazer perguntas. Como a número um:

Por que existe algo em vez de nada existir? (104-20)

“Por natureza, todas as pessoas anseiam pelo saber.” (64-251)

A Ruptura

As crianças aprendem as coisas porque anseiam por saber. A filosofia é um dom naturalmente humano, justamente o que nos diferencia das demais espécies. Bem como dissera Joanna à filha Anna Paula:

– Por isso, nos aperfeiçoamos, por causa dos filósofos e dos artistas que estudam a natureza para nos revelar como opera o mundo.

O século XIII foi o tempo da busca do tempo perdido, do aprofundar-se no conhecimento que se infiltrava através de livros e mentes. Isso acontecia nas escolas e universidades, a refletir-se nos ofícios, mercados, portos, alfândegas, sofrendo a resistência do campo, este preocupado em defender-se do avanço urbano ao mesmo tempo em que precisava adaptar-se. Porque, no fim das contas, era-lhe útil também. Com o aumento das populações, demandas e negócios, tudo estava a mudar. Inclusive, o tempo já era dinheiro.

A Igreja tradicional os acusa de praticar a usura e de vender o tempo (ao cobrar juros), que também só pertence a Deus. (169-186)

“O credor é um ocioso que se enriquece mesmo dormindo.” (133-312)

Todas as cidades tinham em comum o fato de depender da zona rural para obtenção da maior parte de seu alimento. (12-90)

Neste sentido, a visita que Arthur e João Pequeno fizeram ao feudo serviu para que o conhecessem. Sem que tivesse havido conflitos entre as partes, eles foram e voltaram felizes com o que viram, o feudo valia a pena de ser mantido, com castelo novo e vista panorâmica. Era onde Kay estava recolhido, moribundo, com o seu primogênito pronto para assumi-lo, embora isso não fosse garantido. Da conversa, encaminharam a sucessão para Abelardo, e que enviariam cópia da documentação de investidura tão logo esta ocorresse.

Portanto, resolvida a pendência, o grupo aproveitou os dias restantes para descansar e conhecer os arredores do Monte Saint-Michel. No entanto, Anna Paula se negou a ir visitar o feudo, seria cumplicidade dela para com algo que era definitivamente contra.

Então, numa manhã de julho de 1222, após a missa em homenagem ao tio e as últimas preces, depois dos abraços e beijos trocados com Ana Maria, o grupo partiu. Foi a Avranches, cidade-natal de Guido, porque todos queriam voltar pelo litoral norte da França a fim de conhecer a celebrada Tapeçaria de Bayeux, naquele tempo, exposta ao longo das paredes da catedral.

A viagem envolveu Avranches, Bayeux, Caen, Rouen, Amiens, Saint-Quentin e Laon, com pernoites em estalagens ao longo do caminho. Mas, se a ida fora perfeita, a volta foi o contraponto, a começar pela chuva. Parecia que as nuvens os seguiam de modo a esconder, por dias, o cometa que se afastava da Terra. Até mesmo um cavalo morreu na viagem. Em agosto de 1222, chegaram a Reims.

E a chegada fechou a viagem, porque, ao indagar por Rosa, Arthur soube que ela sumira sem destino conhecido. Não avisara Abelardo ou qualquer dos funcionários, simplesmente se fora. Ele ficou muito preocupado.

– E se algo aconteceu a ela?

Abelardo estendeu-lhe a mão com um bilhete que o tio pegou e leu:

Voltarei em breve, não se preocupe comigo. Rosa

Aliviado, ele passou à irmã o recado e se voltou ao sobrinho:

– Vocês foram à família dela?

– Sim, tio, mas ninguém sabe o que houve.

– Eu mal posso crer que tenha agido assim... aconteceu algo, Abelardo?

O sobrinho ficou meio constrangido, mas confessou:

– Nós tivemos uma briga, a tia me insultou e eu retribuí... na manhã seguinte, notei que ela andava agitada, se preparando para viajar e...

– Viajar?!

– A tia levou o magneto, não seria para usá-lo em Reims.

– E a que serviria numa estrada?

– Por que não?

Arthur acolheu a ideia. Mas, pouco importava o magneto, queria saber mais.

– Quando isso aconteceu?

– Dias depois de vocês partirem.

– Então, já faz tempo!

Até então calado, indagou João Pequeno:

– Aonde ela pode ter ido, Arthur?

– Eu sei de uma prima em Saint-Denis, de uma tia em Paris, de...

– Paris.

– Como assim?

– Rosa foi a Paris... diga a ele, Anna Paula.

– Pois sim, Arthur, isso foi antes de mamãe morrer, quando éramos amigas ainda... Rosa me disse que sonhava em viver em Paris, e disse de novo numa discussão recente, que se mudaria a Paris.

– Eu parto amanhã!

– Ela voltará, deixe-a pensar em paz... fará bem a todos!

– E se resolveu mudar-se, o que será de nós?

Ninguém respondeu. Mesmo porque, caso Rosa deixasse Reims, no âmbito da oficina, alguém a substituiria nos registros, isso não seria problema. Rosa era prescindível nos negócios, mas, e no âmbito familiar?

– Mamãe foi embora?

Foi o que indagou Rebeca surgida na porta. Anna Paula a tomou no colo.

– Sua mãe voltará em breve, e você vai dormir comigo hoje!

Rebeca, antes preocupada, gostou e sorriu. Fazia tempo que não dormia na casa da tia, desde a morte da avó. Ao vê-las se afastando, Arthur quis dizer algo, João o impediu:

– Deixe-as assim, fará bem a Rebeca... imagine ela em casa sem Rosa.

– Você tem razão!

Arthur se voltou ao sobrinho:

– Conte o que aconteceu!

A Ruptura

Enquanto Abelardo passava pela difícil tarefa de contar algo constrangedor do qual fora partícipe, Anna Paula e Rebeca se voltaram à bagagem, de modo a, juntas, fazer o que precisava ser feito conversando e rindo como velhas amigas. Seus risos foram ouvidos pelos homens, que igualmente riram. Foi uma noite tão agradável que, na manhã seguinte, ao despertar e correr ao gramado com Lambão, gritou Rebeca:

– Venha ver... o Sol voltou, tia Paula!

Anna Paula saiu de casa e ambas, felizes, passaram a rodopiar de mãos dadas, até tontear, quando se acomodaram sobre a grama.

– Você sabia que o que fizemos é uma dança pagã?

– O que é isso?

– É um segredo entre tias e sobrinhas... promete que o guardará se eu contar a você?

– Sim.

– Jura?

– Juro!

– Pois, os pagãos adoram outros deuses, diferentes de Deus... são tantos que acreditam nos deuses uns dos outros.

– Quais, tia?

Anna Paula apontou ao alto.

– Aquele lá por exemplo.

– O Sol?

– É um deus muito importante a qualquer povo pagão.

– E é mesmo um deus?

– Está lá, não?

– Sim.

– Agora, feche os olhos e sinta o poder do Sol!

A sobrinha obedeceu. Após alguns segundos, indagou-lhe a tia:

– O que está sentindo?

– Ah, é quentinho, gostoso... é bom de sentir!

Anna Paula observou-a com carinho e admiração. Estava encantada com a pele rosada da sobrinha de cinco anos ao brilho do Sol. Estava feliz de vê-la assim, tão solta. Pensava que Rosa, de formação tradicional, era um freio à filha que tinha sede de saber. Rebeca abriu os olhos e fitou a tia.

– Por que o Sol é quente?

– Porque é uma bola de fogo.

Não é verdade. O Sol não brilha porque é fogo, mas porque é quente, quente como brasa, de gás incandescente, não de fogo. Na Idade Média, era um dos quatro elementos.

O Universo físico estaria dividido em duas regiões distintas: a sublunar, constituída pelos quatro elementos herdados da cosmologia de Empédocles (água, terra, fogo e ar), e a supralunar, constituída por uma “quinta essência”, o éter. (209-21)

Tia e sobrinha não se separaram mais, inclusive, quando Anna Paula se voltava a suas iluminuras, com Rebeca próxima dela a assisti-la. Era mestra no ofício aprendido com Simone, sua falecida madrinha. Agora, sua arte era requisitada em Reims, Laon e Chartres.

A glória dos manuscritos medievais está nos desenhos, apropriadamente chamados de “iluminuras”. O senso de cor e inventividade sinuosa lança luz ao que, de outra forma, pareceria escuro e rotineiro. (22-98)

Figuram os nomes de iluminadores mulheres ou de calígrafas que operavam junto com os maridos ou pais, com os quais haviam aprendido o ofício. (116-46)

Foi um tempo muito produtivo, porque Anna Paula empenhou-se em passar a Rebeca um conhecimento básico e necessário a uma formação, se não erudita, ao menos, voltada às letras. Rebeca se interessou pela língua do saber, o latim, revelando precoce desenvoltura na leitura e na escrita.

Importante também era a presença de Lambão, único a penetrar na blindagem que tia e sobrinha impuseram ao mundo naqueles dias. Era um trio exclusivo, a ponto de mesmo o pai sentir ciúmes. No entanto, tinha Arthur ciência do afastamento da filha que Rosa impusera a Anna Paula, sentindo-se tolo por não ter se metido antes. Se elas tanto se adoravam, por que não deixá-las em paz? Afinal, Rosa não deixaria de ser a mãe de Rebeca, tampouco deixaria de ser amada pela filha. Bem pelo contrário, quanto mais livre uma criança com amor, mais amor volta dela. Joanna lhe dissera isso e ele agora resgatava essas lembranças.

Mas, com o passar do tempo, a angústia de Arthur cresceu, ainda que buscasse esconder da entretida filha. Já pensava outra vez na viagem a Paris quando Rosa voltou sem que ninguém percebesse. Ele e Rebeca haviam saído, Anna Paula estava envolta em suas iluminuras, Abelardo em aula, João Pequeno cuidava dos cavalos e os funcionários cumpriam suas tarefas. Rosa entrou em silêncio e foi preparar a bagagem, sua e da filha. Fechado o baú, aguardou.

Quando ouviu gritos, Rosa foi à janela e viu Rebeca correr aos braços de Anna Paula. A observar a alegria delas a dançar de mãos dadas, sentiu profundo ciúme. Nunca a filha fora assim com ela, aquilo não era justo, servindo para reforçar a decisão tomada. Quando Arthur entrou em casa, tomou um susto.

– Rosa?!

– Eu disse que voltaria.

– Quando você chegou?

– Há pouco.

– Aonde foi?

– Fui a Paris, na tia Rô e... por favor, traga Rebeca aqui.

– Não vai antes me dar um abraço?

– Foi o que esperei de você!

Ele se aproximou e se abraçaram. Rosa mudou de expressão e disse:

– Nós vamos nos mudar a Paris!

– Nós quem?

A Ruptura

– Eu, Rebeca e, se quiser viver lá também, você!

– Paris?!

– Tia Rô me disse que podemos ficar lá até arrumarmos uma casa!

– E o nosso ofício, Rosa?

– Você não precisa estar aqui para fazer sua parte!

– Mas você precisa!

– Eu não quero mais trabalhar aqui... a tia disse que, sabendo ler e escrever, será fácil de eu arrumar trabalho, quanto mais com o meu conhecimento!

Era verdade, Rosa não estava errada. O problema a curto prazo seria a sua ausência nos registros, muito embora pudesse ser reocupada a vaga. A solução era simples nos negócios, mas, e quanto a Rebeca? Deixaria Reims, Lambão, Abelardo, os tios, enfim, concordaria?

– Traga ela aqui.

– Vá você, Rosa!

– Eu não quero que me vejam!

– Por que não?

– Por favor, vá buscá-la!

Arthur foi e voltou com a filha, cujos olhos se arregalaram.

– Mãe!

Rebeca correu a Rosa, que foi recíproca. Anna Paula ouviu a sobrinha e percebeu que a cunhada voltara. Aborrecida, voltou-se às iluminuras. Em casa, disse à filha a mãe:

– Rebeca, preste atenção... nós vamos nos mudar daqui.

A pequena fez expressão de espanto. Rosa concluiu:

– Vamos deixar Reims, vamos viver em Paris.

A conversa foi difícil, porque Arthur não estava convencido. Na verdade, estava confuso demais, ele nunca pensara em mudar-se. E bem conhecia Paris, ciente de que lá o ritmo de vida era outro. Habitado à vida pacata de Reims, via a filha a protestar em seu lugar, porque a decisão de Rosa era definitiva. Não havia mais espaço à convivência entre as cunhadas, mas, daí a mudar de cidade?

Arthur foi conversar com a irmã e o cunhado, outro tenso debate porque dizia respeito ao negócio que mantinha a família. Era quem tratava das vendas, razão porque Paris seria um bom lugar de se estar. E, uma vez que Rosa não mudaria de ideia tão cedo, ele decidiu, mesmo contra a vontade, fazer a experiência.

Durante a conversa, Anna Paula protestou o tempo todo. Sua preocupação maior era com Rebeca, de quem perderia o contato. Pior, com os cuidados exclusivos da mãe, perderia também a formação da *linhagem joannina*. Fora assim que Joanna de Saint-Michel nomeara a linhagem feminina da família: de Joanna de Le Pallet, passando por Anna da Bretanha, por Joanna de Saint-Michel, por Anna Paula de Reims, e que seria continuada por Rebeca de Reims se não houvesse aquela mudança. Foi o que mais a afligiu, a distância. Quando se ergueu para dizer o que pensava a Rosa, João segurou-a pelo braço.

- Aonde pensa que vai?
- Vou dizer o que ela precisa ouvir!
- Não torne as coisas piores do que já estão, Anna Paula!
- Eu não quero que Rebeca vá embora!
- Não cabe a você decidir!

Anna Paula correu para o quarto em prantos, perderia a amada sobrinha, não era possível crer. Inconformada, Rebeca também chorava em sua casa. Mas, enfim, apesar das lágrimas, cinco dias depois, a família historicamente unida partiu-se em duas. Uma parte ficou em Reims, outra, rumou ao novo endereço, à concorrida e cosmopolita Paris do século XIII.

No século XIII, Paris é o centro incontestado das artes liberais e da teologia. (99-401)

A despedida entre tia e sobrinha foi como um funeral, lágrimas saltaram de seus olhos. Abraçadas, beijaram-se, trocaram juras de amor e que manter-se-iam em contato por cartas. Em prantos, Anna Paula afastou-se. Ficaram todos comovidos, sobretudo, quando Rebeca abraçou-se em Lambão, triste, de olhar caído, parecendo entender o que estava por vir. Já Abelardo, ainda indignado com a tia, indagou ao vê-la subir no carro:

- Cadê o magneto?
- O magneto foi um presente do tio Oskar a Arthur, então vai conosco!

A resposta áspera de Rosa foi à altura da áspera pergunta. Abelardo, sem mais olhar para a tia, abraçou o tio, deu outro sentido abraço na prima e se afastou apressado, não queria que o vissem chorar. Enfim, disse João a Arthur:

- Voltem em breve!
- Farei o que for possível!



3. Paris

*O conflito não é entre o bem e o mal,
mas entre o conhecimento e a ignorância.*

Buda

As cidades transformaram o Ocidente. O movimento que marcou essa virada urbana foi chamado *comunal*, de *comuna*, de iniciativa burguesa, de quem tinha motivos e meios para mudar.

Comunas: cidades da Europa ocidental medieval que adquiriram instituições municipais autônomas por rebelião ou pela força; o termo é frequentemente usado para descrever cidades que obtiveram direitos análogos por meio de carta régia. (12-101)

A cidade misericordiosa, com que sonham as ordens mendicantes do século XIII, nasceu de um choque violento que chamamos de movimento comunal. (31-96)

O progresso da burguesia urbana mina o feudalismo. (74-87)

O vocábulo *burguês* não era o que entendemos. Na Idade Média, referia-se ao habitante do burgo, pequena cidade murada. À medida que cresceram, ampliaram-se tanto os muros quanto a economia e o poder. No século XII, no reino da França, fora marcante a aliança entre a realeza e a burguesia. Fora o rei Luís VII Capeto, pai de Filipe Augusto, quem mais estimulava essa aliança.

E era justamente à capital da monarquia francesa que seguia uma família burguesa de Reims. Dizia Rosa:

– Você vai adorar Paris, Rebeca!

– Não!

– Reims é um burguinho de nada perto de Paris!

– Eu não quero, mãe!

Por mais que a mãe insistisse ou tentasse distrair a filha, esta não cedia. Pior, quando forçava, Rebeca chorava, até dar-se conta de que melhor seria deixá-la em paz. Já Arthur seguia calado, meio inconformado, a imaginar como seriam as coisas desde então.

Com a chegada a Paris, a apresentação de Rovená, a tia Rô, a rejeição de Arthur para viver naquela casa, enfim, tudo o levou, já no dia seguinte, a procurar um local onde pudessem instalar-se dignamente. Rosa fizera tudo de propósito, sabia que o marido não suportaria viver apertado numa casa popular. Acostumado ao conforto de Reims, ele faria por arrumar um bom lar sem que ela precisasse mover-se neste sentido. E a filha só falava em voltar para ver Lambão, mas o plano de Rosa fora bem traçado e estava sendo cumprido à risca.

Arthur encontrou um sobrado em uma rua pouco distante da catedral de Notre-Dame, em construção ainda, e próxima da futura escola de Sorbonne, esta que ficaria famosa depois por sua universidade. A nova casa trouxe alegria ao marido e à filha, mas Rosa queixou-se porque era parte da região mais ruidosa de Paris. À noite, descobriram que ela tinha razão na medida em que o movimento de estudantes a deslocar-se pelas ruas gerava conversas, risos, gargalhadas, bate-bocas, arruaças, brigas, quebradeiras e todo o tipo de confusão que universitários alcoolizados são capazes de promover.

Paris

Os estudantes da Universidade de Paris visitavam assiduamente as diversas tavernas existentes nas proximidades. (219-161)

“Os estudos não foram estabelecidos para andar de noite ou de dia armados, mettendo-se em pelejas ou fazendo loucuras ou maldades com prejuízo de si e distúrbios nos lugares onde vivem.” (240-136)

“Os estudantes berram e fazem barulho, andam na pândega e frequentam as casas de prostitutas; cantam e dançam; jogam cartas e xadrez; são viciados nos dados e outros jogos de sorte; andam dia e noite por toda a cidade; pavoneiam-se com as roupas da moda; comportam-se de forma provocatória com os comerciantes, com os membros das corporações e com as forças da ordem; possuem armas e por vezes fazem mesmo uso delas.” (85-200)

Isso é pouco para descrever Paris. Não se deve traçar uma identidade a partir de um grupo menor de elementos, porque justamente os intelectuais, seus mestres e alunos, marcavam o diferenciado ensino que a cidade oferecia ao mundo cristão, sem dúvida, a capital universitária do século XIII. Paris se firmava como a vanguarda da Europa com o palácio de Filipe Augusto e a maior igreja do Ocidente, ambos sobre a famosa *Île de La Cité*.

Paris era o maior centro de estudos da cristandade. (247-17)

A vida intelectual encontrou condições favoráveis neste contexto de abundância material crescente. (44-23)

As primeiras semanas foram de difícil adaptação. O casal discutia muito porque Arthur não queria estar lá. De sorte, seu trabalho era fazer viagens em busca de textos para serem encadernados. Tanto melhor quando carentes de iluminuras, para que a irmã pudesse elevar um livro ao padrão de uma joia.

Não era o caso do espartano livro universitário, feito só de textos, isento de iluminuras decorativas, ilustrativas, que permitiu que alunos tivessem um recurso diferenciado em relação ao ensino monástico cuja base de consulta era a memória, daí a repetição. Isso era sabido: quanto mais repetida alguma coisa, mais presente se torna. Memória e hábito são próximos, íntimos. E memorizar era o que restava aos estudantes até o chamado Renascimento do Século XII, quando os livros entraram em cena para nunca mais sair.

Na vida universitária, o livro tornou-se a base do ensino. (76-113)

Paris tornou-se o foco maior de debate intelectual e renovação de ideias. (44-208)

A novidade urbana é ruidosa na ordem escolar e intelectual. (13-229)

Se Paris era ruidosa à noite, durante o dia, era ainda mais. Rebeca ficava apatetada com o movimento. Em Reims, acordava em sua casa diante do pátio da família, com direito a gramado e espaço bastante para correr, deitar e rolar com Lambão. Agora, a porta dava direto na rua, por onde seguiam professores, estudantes, cavaleiros, artesãos, comerciantes, saltimbancos, frades, camponeses, animais, enfim, era ruidosa a ponto de abalar o humor dos cidadãos.

E Paris levava Arthur a se lembrar do avô Francisco e de André, seu pai. Havia ambos nascido em Sens, embora tendo vivido boa parte dos seus anos em Paris,

onde André se ligara à Igreja, onde estudara, onde se formara em teologia para, depois, mudar-se a Reims. Francisco tivera o ofício de encadernações em Paris, antes de, motivado pela mudança do filho, transferi-lo a Reims. Foram um mercador e um intelectual.

A aritmética prática vai assim encontrar-se dividida em duas correntes socioculturais: a das universidades e a dos mercadores. (14-298)

Em Reims, os primeiros dias sem Rebeca foram de muitas queixas de Anna Paula junto a Abelardo e João Pequeno, que sempre davam um jeito de escapar. Ela fora atingida pelo que considerava a perda da sobrinha. Ao mesmo tempo, fazia planos de viajar a Paris para ver como estava a pequena, mas impedida pelo motivo de sempre: não atrapalhar os parentes. Assim, foi habituando-se, focada no trabalho para fugir das lágrimas, algo que nem sempre lhe era possível evitar.

Passados dois meses, Arthur voltou a Reims. Ao reunir-se com a irmã e o cunhado, tratou da situação de Paris, esclarecendo dúvidas sobre o bem-estar de Rebeca. Junto, queixou-se de Rosa:

– Ela disse que trabalharia em Paris, mas, até agora, sob o pretexto de Rebeca, não moveu um só dedo!

– Quem ficará com ela se Rosa arrumar trabalho?

– Não há com quem deixá-la.

– E a tia dela?

– Sem condições, João!

Disse Anna Paula:

– Era o que ela queria, viver em Paris sem ter nada para fazer, para se encostar em você, Arthur, enquanto Rebeca passa os dias assimilando seu modo de pensar!

O irmão não gostou do que ouviu, e preferiu seguir:

– Há mais, Anna Paula.

– O quê?

– Estive pensando nisso, em separar as contas... em Paris, há despesas que não teríamos se estivéssemos aqui.

Arthur estava propondo uma mudança na administração do dinheiro da família. Até então, houvera um fundo só do qual as contas a pagar se serviam. A separação traria problemas de controle, sobretudo no que tangesse as receitas, porque nunca fora valorizado o trabalho individual. Irritada, disse Anna Paula:

– Aposto que é ideia dela!

– Sim, é verdade, mas Rosa não está errada... pense no aluguel do sobrado, por exemplo, por que vocês pagariam junto?

– É justo, eu concordo, mas... como vamos tratar de casas separadas?

– A propósito, Rosa quer comprar uma casa em Paris.

– Então, é definitivo!

Como se já não fosse. E debateram sobre como separar as contas. As entradas seriam divididas? E as saídas, conjuntas? João Pequeno sugeriu a simples divisão de lucros, que cada lado arcasse com seus próprios gastos, separando de vez dinheiro

Paris

e famílias. A ideia acabou aprovada como experiência, ficando Anna Paula de estabelecer o controle. Mas, quando ela disse que voltaria a Paris com Arthur, João protestou:

- Deixe Rebeca se ambientar, Anna Paula, você só vai atrapalhar agora!
- Eu preciso ver como ela está!
- Ela está adorando Paris, dê mais tempo ao tempo.

Foi o que disse Arthur buscando evitar um reencontro das cunhadas. E porque Rebeca se ambientava também. Paris era tão cheia de surpresas que, na sua tenra idade, ficava atônita ao mesmo tempo em que curiosa. O mercado era enorme, bem maior que o de Reims, e havia tanta coisa à vista que mãe e filha ficavam fascinadas. Assim, aos poucos, a Cidade Luz seduzia a pequena burguesa.

Paris se torna então uma capital artística com o canteiro de Notre-Dame, mas também com as oficinas de artes de luxo, que produzem manuscritos com iluminuras, marfins, bordados, joias, tapeçarias, objetos litúrgicos, camafeus e pedras preciosas à antiga. (170-510)

Paris era na época uma “aurora borealis”, uma luz do sol no norte. (37-275)

Rosa sentia-se livre como nunca. Com o marido em suas viagens, tendo a filha como única preocupação, dedicava seu tempo aos afazeres de uma dona-de-casa sem pressa. Sabia que a família tinha dinheiro bastante para proporcionar uma vida segura, longe dos parentes, chegando ao objetivo que sempre buscara: a liberdade. E livre estava para educar a filha longe das *hereges*, como se referia às parentes. De modo algum queria que Rebeca seguisse a orientação dialética de Anna Paula. Rosa era cristã romana e, em Paris, faria com que a filha seguisse pelo reto caminho sem os obstáculos de Reims. Ao menos, era o que esperava.

Assim, passou-se o primeiro ano, com cartas trocadas entre tia e sobrinha.

Em junho de 1223, um surto de impaludismo tomou a região de Paris, mortes pipocaram na cidade e arredores. Foi quando correu o boato de que Filipe Augusto fora atacado pelo mal. Então, o boato virou fato.

A morte de Filipe II Capeto sacudiu a França, quanto mais Paris. Desde o seu nascimento, aclamado como o *martelo dos Plantageneta*, fora a esperança de uma virada contra a Inglaterra. Agora, não restava dúvida de que ele fizera do epíteto a força-motriz que guiara a França de um reino menor à potência que caía então nas mãos de Luís VIII Capeto.

Filipe Augusto morreu deixando a seu herdeiro uma coroa respeitada, um reino em ordem e um tesouro de guerra. (24-154)

Filipe só gastou cerca de dois terços de sua riqueza, legando ao Tesouro Real enormes superávits. (215-212)

João de Brienne estava presente quando Filipe expirou. Em seu testamento, deixou para João a soma de 50 mil marcos, em benefício do reino de Jerusalém. (9-159)

Esse João era o rei de Jerusalém e do Reino do Ultramar no tempo das Cruzadas, porque ficava além do mar Mediterrâneo, no Oriente Médio, na Terra Santa. Era para lá que seguiam os peregrinos, para conhecer a terra onde Jesus pisara, en-

trar em contato com os lugares santos e suas relíquias, realizar a grande travessia e o sonho maior de um cristão medieval: prostrar-se diante do Santo Sepulcro.

Embora fosse o rei de Jerusalém, João de Brienne governava do litoral, em São João de Acre, porque, em 1187, a Cidade Santa caíra aos muçulmanos do grande Saladino, o sultão de Alá. Desde então, três cruzadas partiram para resgatá-la, todas em vão. Era por isso também que João se encontrava na França, em busca de apoio e recursos para a guerra santa. Afinal, como rezara uma vez São Bernardo, era um direito divino.

Não havia dúvida no espírito de Bernardo de que a Terra Santa era o patrimônio de Cristo injustamente confiscado pelos sarracenos. (4-115)

A morte do rei se refletiu na família de Anna Paula. O primeiro reflexo ocorreu no dia dos funerais, quando Rebeca ganhou uma amiga. Estava com seis anos quando conheceu Lorena, de mesma idade e grupo social. Não passariam por irmãs, mas chamaram atenção pelo alegre par: amizade à primeira vista. Daí os pais se conhecerem também, de modo que ambas as famílias se tornaram amigas. Lorena tinha um irmão, Raul, de Chartres como ela. E fez bem a Rosa também, que estava isolada socialmente. Tinha apenas a tia como opção, esta que morava longe e não era afinada com a sobrinha. De fato, Rosa queria distância dos parentes todos, seus e do marido.

O segundo reflexo foi a visita, enfim, dos tios de Rebeca a Paris. João Pequeno concordou em fazer a viagem para ver os funerais do rei e conversar com o cunhado. Já Anna Paula vira Filipe Augusto uma vez, visitara o palácio real, mas agora só pensava em Rebeca. Para tanto, foi preciso que Arthur levasse a filha a passear para, sem que Rosa soubesse, entregá-la à irmã. Quando se viram diante da catedral, correram uma à outra em lágrimas.

– Tia Paula!

– Rebeca!

Arthur saiu a conversar com João. Anna Paula e Rebeca seguiram por outro caminho, de modo a passar o dia juntas. Rebeca quis que a tia conhecesse Lorena e foram até a amiga, sendo bem acolhidas. Depois, foram ao grande mercado, a conversar e rir.

Anna Paula investigou o possível sem ser direta, a ouvir a sobrinha com atenção. Estava preocupada com Rebeca, para que não se esquecesse de sua linhagem e que não ficasse igual a Rosa. De repente, seus olhos se iluminaram ao ouvir:

– Eu guardei aquele segredo, tia.

– Qual?

– Do deus Sol.

Anna Paula ficou emocionada, a chama seguia acesa.

– Pois, guarde-o com você, e lembre-se dele nos dias ensolarados!

– Sim.

– E nunca olhe diretamente ao Sol!

– Por que não?

Paris

– Ninguém sabe ao certo, mas o Sol costuma cegar quem ouse fitá-lo!

– Não vou olhar!

Ambas se abraçaram.

– Eu tenho mais um segredo para você!

– Outro deus?

– Não, Rebeca... é uma viagem que penso em fazer um dia e que espero que você vá comigo!

– Aonde, tia?

– Ao maior centro pagão do mundo... Roma!

– Onde vive o papa?!

– Já sabe então?!

– Mamãe me disse.

– Sim, de fato... mas aposto que ela não disse que o papa está cercado!

Sim, os deuses da Antiguidade romana, grande parte importada de povos conquistados ou assimilados. Porque nunca foi problema a Roma acrescentar deuses ao seu grande Panteão, um espaço amplo, acolhedor e cosmopolita.

Roma acolhia livremente todos os deuses de todos os estrangeiros, e nisso era realmente “caput mundi”. Conviviam mais de trinta mil desses deuses. (65-364)

Rebeca pensou um pouco e indagou:

– E a Lua, também é uma deusa?

– Sim, a Dama da Noite... por sinal, outro segredo!

E seguiram entre passeios e diálogos, até a despedida que, como a anterior, foi repleta de lágrimas. Seguiriam as correspondências através de Arthur. Já, sobre Sol e Lua, a viagem a Roma teria a ver com uma celebridade de seu tempo.

Sua condição de Irmão do Sol e da Lua está em seu famoso poema chamado “Cântico das Criaturas”, ou “Cântico do Sol”. (37-100)

Irmão da Lua e do Sol, Francisco de Assis estava muito doente, recolhido próximo de sua cidade-natal, na Porciúncula, capela que ele e seus *irmãozinhos* haviam reerguido das ruínas. Aquele ano trouxe duas novidades aos franciscanos.

A primeira foi a *Regra dos Frades Menores* outorgada pelo papa. Desde então, ganhava o aval de Roma, era oficial. Fora exigida pelo falecido papa Inocêncio III a Francisco, porque, se era para acolher a nova ordem mendicante, que fosse estabelecido claramente como funcionaria. É para isso que serve uma regra, para definir o conjunto de ações que marcam os dias e noites de seus seguidores.

Finalmente, a Regula Bulatta (1223) foi aceita pelo Papa Honório III como regra definitiva da ordem. (188-183)

A segunda novidade veio dos próprios franciscanos. Em dezembro de 1223, seu grupo de frades protagonizou o primeiro presépio vivo da história. Foi Francisco de Assis quem o criou, de modo a perpetuar-se no tempo a fim de reverenciar o nascimento de Jesus, mestre maior dos franciscanos.

Ele pede a um amigo da montanha para reconstituir a manjedoura de Belém, de acordo com a inspiração de sua imaginação poética. (115-88)

“Queria representar a cena do Natal e ver com os olhos do corpo a pobreza na qual Jesus Menino veio ao mundo.” (59-207)

A representação “em mímica” da Natividade por Francisco em Grecio, no Natal de 1223, estimulou a devoção ao Menino Jesus. (201-134)

Francisco de Assis nasceu de uma rica família burguesa em 1181, da mesma idade de Anna Paula, esta de rica família também, mas que voltou a Reims sentindo-se triste e feliz ao mesmo tempo. Triste, por conta do novo afastamento de Rebeca, e feliz, pela esperança de tê-la livrado da *cegueira*, como pensava dos crentes em geral. A chegada foi marcada pela notícia de Abelardo:

– Pai... Guido me acolheu, serei seu escudeiro!

– Que boa nova, Abelardo!

Boa ao pai, péssima à mãe. Anna Paula nada disse, não quis ser negativa com a alegria do filho, mas longe estava de compartilhá-la. Depois, durante a ceia, enquanto ouvia os pais a tratar da viagem a Paris, de Rebeca, de Arthur, de Rosa, disse o filho:

– Aquilo foi tudo pensado!

– Aquilo o quê?

– A tia Rosa pensou em tudo!

– Como assim?

– Ela pensou em fugir da família miserável que tinha para se fixar aqui, onde conseguiu trabalho e se casou com o tio Arthur... então, pensou no dinheiro que havia quando a vovó morreu, e quis saber quanto era, tanto que pressionou você, tanto que se mudou a Paris... ela pensou em tudo!

Mãe e pai ficaram surpresos com o que ouviram. Afinal, como teria Rosa planejado a longo prazo? Ela não tinha esse perfil. De fato, ninguém reparara o interesse dela por Arthur enquanto o dele fora vistoso. Ninguém se preocupara com ela, mesmo porque sempre fora de poucas palavras e muito prestativa. Não houvera do que se queixar de Rosa até falecer Joanna de Saint-Michel, esta que passara o bastão para Anna Paula.

Em outra discussão, Rosa acusara a cunhada de manipular Arthur, de mantê-lo distante de Reims, entretido em *eternas vendas* enquanto Anna Paula tomava conta de tudo, que a sucessão deveria ser partilhada entre os irmãos. Se Anna Paula entendia que *sucessão* tivesse a ver com o controle dos negócios, enganara-se. Segundo Abelardo, o foco da cunhada fora financeiro: a simples divisão do dinheiro. Arthur tratara recentemente da divisão de contas, de modo que Anna Paula se voltou a João Pequeno entre querendo e não acreditar, mas foi ele quem disse:

– Rosa não seria capaz disso.

– Talvez a ideia tenha surgido com o andar do tempo!

– Ainda assim, não combina com ela.

– Rosa pode até ter sido sincera de início... mas, depois, envolta nos registros, abriu o olho e pensou em se aproveitar da situação!

A mãe já assumira a versão do filho, não o pai.

Paris

- Rosa nunca faltou conosco!
- Até mamãe morrer... desde então, só criou confusão para ter o que queria!
- E eu, tolo, cá como patinho!

Abelardo queixou-se de si. Ele humilhara a tia diante de todos, fizera-a calar-se, não era o que Rosa quisera? Uma briga pública. Antes, fora privada. E disse Anna Paula:

- É preciso avisar Arthur, João!
- Como assim?
- De ter-se casado com uma vigarista!
- Vigarista?!
- Vigarista, manipuladora, fingida...
- Eles são casados, e Rosa é da família e tem direito à herança como qualquer um de nós!

- Arthur tem direito, não ela!
- É a mulher dele!
- É uma vigarista!
- É a mãe de Rebeca, Anna Paula!

No fim das contas, João, amigo do cunhado, ficou de conversar com ele. Anna Paula, nem pensar. Tampouco Abelardo, que só pensava em seu feudo na Bretanha. Para tanto, tornou-se escudeiro de Guido de Avranches, o Feio.

Cada vez mais o escudeiro é um aprendiz de cavaleiro. (13-189)

Escudeiros: adolescentes que seguiam combatentes adultos, carregando-lhes os arreios, aprendendo o ofício. (16-36)

Na seguinte visita a Reims, Arthur foi à taverna com João Pequeno, onde costumavam se reunir os homens da família. Sem rodeios, disse-lhe o que dissera Abelardo como se fossem suas as palavras. Poujou o filho porque importava a ideia, não o autor. No entanto, Arthur recebeu-a como ofensa, porque amava a mulher e nunca, em momento algum, suspeitara dela. Disse que podia ter suas manias como qualquer outra, como Anna Paula, mas que não seria desonesta de longa data. E tudo piorou quando João fez o mais infeliz comentário:

- Não trate disso com Rosa, porque...
- Você está falando da mulher com quem tenho Rebeca... está sugerindo que eu me torne um espião dentro de minha casa?!
- Não, Arthur, não é disso que estou...
- Acerte a conta... aliás, dívida em dois, eu pago depois!
- Ele se ergueu.
- Ouça-me, Arthur!
- Eu quero sair daqui!
- Arthur!

Mas, ele saiu, deixando o amigo e cunhado de queixo caído. Não esperava aquela reação, mas que houvesse espaço a uma conversa entre homens, eles sempre foram diretos um com o outro. Por que tudo mudara?

O resultado foi um esfriamento e uma gradativa redução nas idas e vindas de Arthur a Reims, de modo que as correspondências entre tia e sobrinha também foram reduzidas, bem como as iluminuras. A João Pequeno, o que mais pesou foi o distanciamento do amigo, da boa e velha amizade. Já não havia como curar as *feridas* da ruptura. Pois, em se tratando de feridas, próximo de Assis, algo aconteceu que se fez lendário.

Fundas feridas sangrentas formaram-se sobre suas mãos e sobre seus pés, e uma chaga aparece em seu lado. (115-89)

Os estigmas são as marcas das feridas de Cristo durante a Paixão. A mais célebre, que causou sensação, é a de Francisco de Assis, ocorrida em 1224. (207-56)

Já no âmbito político, no seguinte ano, em setembro de 1225, o sacro imperador Frederico II casou-se por contrato com Iolanda de Brienne. Filha do rei João, direta sucessora do Reino de Jerusalém, era a verdadeira razão do casamento. Em prantos, a jovem deixou sua Terra Santa adorada.

Iolanda de Brienne casou-se por procuração com o imperador Frederico II. (12-209)

Frederico tinha 31 anos. Era um homem bonito; não alto, mas bem constituído embora já inclinando à obesidade. Seu cabelo ruivo dos Hohenstaufen começava a recuar. (9-160)

Essas notícias não afetaram a família de Anna Paula, que seguiu dividida em duas. Mas, tudo mudou em junho de 1226, num dia acalorado, quando Rosa foi visitar a tia Rô. Ela acabou lanchando lá, voltando para casa no final da tarde. Ao cair da noite, todos se recolheram como de costume. Porém, durante a madrugada, Rosa passou mal. Pela manhã, estava com diarreia, cujo fluxo contínuo se somava à febre.

– Acho que foi o lanche da tia Rô!

– Que lanche?

– Aqueles... ai, Arthur!

– O que você comeu?

– Bolinhos de peixe... achei estranho o gosto, mas não quis fazer desfeita!

– No verão, Rosa?!

– Ai, Arthur...

A fome era consequência da escassez levada à necessária armazenagem de alimentos, nem sempre em condições adequadas, tudo de ruim que podia acontecer a uma população. Não é à toa que, junto à Peste, à Guerra e à Morte, seja a Fome um dos quatro cavaleiros do Apocalipse. E Paris, capital da França, mantinha-se abastecida, mas seu populacho não tinha a mesma condição dos ricos e poderosos, de modo a estocar alimentos a seu modo.

Grandes fomes ainda ocorrem em 1005-06, 1195-97 e 1224-26. (133-101)

Agora, no terceiro dia, desidratada, Rosa dava mostras de fraqueza no corpo e no olhar. Rebeca chorava ao vê-la, de modo que acabou sendo levada à casa de Lorena. Porque, como dissera o médico, *físico* na Idade Média, pessoas no estado dela morriam em questão de dias.

Paris

Naquela tarde, chegou um jovem querendo falar. Arthur, abatido, o recebeu.

– Rosa está?

– Diga-me, sou o marido dela.

– Pediram que eu avisasse... a tia dela, Rovená, morreu agora há pouco.

Arthur ficou desconcertado. O jovem concluiu:

– Parece que foi diarreia.

– Elas comeram peixe estragado!

Arthur dispensou o jovem, voltou ao quarto da esposa e ficou com Rosa até o fim. Então, como previra o físico, aos trinta e um anos, ela expirou na cidade que tanto amava.

No funeral, Rebeca voltou a ver a mãe estendida sobre uma mesa. Fora orientada antes de modo a estar preparada para vê-la naquele estado, sem vida. Porém, o preparo de nada serviu ao encontrá-la sem cor e sem reação. Tinha medo de olhar e, ao mesmo tempo, queria vê-la se erguer para voltar à vida. Após algum tempo junto ao pai, ela se arriscou a tocar na mão inerte de Rosa, chocada então com a frieza da morte. E muito chorou. Naquele triste junho de 1226, Rebeca de Reims ficou órfã de mãe.